ANNO I — S. João d'El-Rei, 21 de Fevereiro de 1886 — N. 23

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno........ 5$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno........ 6$000

Escriptorio da redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

Actualidades, *Jorge Rodrigues*; Uma victima dos romances, *José Braga*; Joias; O casamento de Floh, *Ma[illegible] de Azevedo*; Virgem martyr, soneto, *Jorge Rodrigues*; Novas e notas; Tristonha, poesia, *J. B.*; Lambrequins; Sobre a mesa; Correspondencia; Annuncios.

O Domingo

21 de Fevereiro de 1886

Actualidades

FALLECEU na côrte um homem que celebrisou-se um pouco pelos esforços da intelligencia e muito pela generosidade do coração. Elle era, a principio, o alvo das pilherias [illegible] da maior parte dos escriptores humoristicos daquella capital; debicaram-no sem piedade, mettiam-no a ridiculo de um modo ferino e, por vezes, inconveniente e acerbo.

Seu comprido *rock*, sua barba á nazarena mal penteada, seus longos cabellos, sua gravata vermelha, tudo servia de thema para caçoarem com o bom homem, inoffensivo e honesto, que, si desejava celebrisar-se, não pensava siquer em empecer os brilhos de outros talentos igualmente ambiciosos, ainda que muitos delles menos aproveitaveis.

Escrevia uns artigos republicanos muito ardentes; dizia-se democrata até a medulla dos ossos; revoluções sangrentas passavam-lhe pelo cerebro; destruições de thronos, aniquillamentos de dynastias... Não era, porém, infelizmente, desses legionarios invictos, denodados, firmes propugnadores de uma idéa, que trabalham pelo seu triumpho e sacrificam-se na defeza audaz e necessaria, inspirada pelas grandes dedicações heroicas. Tinha fraco o espirito. Não era mais que um impressionista. Adoptava uma doutrina, por adoptar, por lhe parecer bella á primeira vista, sem que, entretanto, fortalecesse-a a convicção.

Pertencia ao pequeno numero dos que esperam ver alcançadas victorias deslumbrantes — unicamente pela acção da theoria, sem que a luta do pensamento, os soffrimentos da luta, o labor incessante, o fervor de aspiração sincera, tomem parte activa na realização da conquista... Um sonhador, emfim. Pobre Octaviano Hudson!

No meio desses enthusiasmos vãos, appareceu-lhe um dia a Necessidade disfarçada em Prudencia e disse-lhe, baixinho, ao ouvido, umas tantas cousas. Depois disso, o *Jornal do Commercio* deu-lhe um emprego em casa. O Hudson foi logo modificando um pouco os seus habitos... e o seu *habito* de bohemio; não deixando, outrosim, de modificar logo as suas opiniões um pouco platonicas e as suas crenças visivelmente superficiaes, tudo isto politicamente falando, já se vê.

Tornou-se monarchista, guardou a gravata vermelha, envergou *croisé* majestoso, relacionou-se com o grande mundo: ficou outro, o nosso amigo.

Nada, porém, de censuravel em tal procedimento se encontrava, attendendo-se a que elle lançava mão das suas relações novas e aproveitava a sua nova posição, para manifestar tendencias naturaes, expontaneas, admiraveis, de altruista, — desinteressado, que fazia o Bem, pelo Bem.

Accresce que esses homens platonicos, em questão de politica, como em tudo o mais, facilmente se transportam de uma para outra phalange, sem enxergarem neste acto um desar para si, julgando, talvez, que os outros lêem-lhes no coração a indifferença, ou o interesse, que outros sentimentos não sabem ou não podem ter.

Chamam-n'os transfugas, traidores, apostatas, e não sei que mais qualificativos retumbantes, a esses pusillanimes, que apenas não têm bastante coragem para abraçar um principio que lhes felicite a patria e andam a percorrer todos os partidos, auxiliando a todos e a todos detestando; mas eu tenho para mim que elles merecem perdão; fazem aquillo inconscientemente.

De uns annos a esta parte liamos nos jornaes da côrte as provas eloquentes do louvavel interesse que ao Octaviano Hudson inspiravam as creanças orphãs, as classes menos favorecidas da fortuna, os estabelecimentos pios, etc.

Em subscripções que abria, apresentando-as, elle mesmo, a todos, conhecidos e desconhecidos, para que concorressem com o seu obolo, obtinha frequentemente satisfactorio resultado — para os necessitados que lhe haviam merecido a protecção.

Era poeta. Um poeta sentimental, cheio de naturalidade ingenua e boa, que traduzia em versos sem caprichos de fórma, os pensamentos sempre nobres e generosos, que lhe vinham do coração, desse coração ingrato, que o trahio tão cedo...

Na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, ha longo tempo, appareceram os versos que com o titulo — *Musa do Povo* — elle escrevia. Ahi pedia amparo para os meninos desvalidos, soccorro para os infelizes; saudava as pessoas caridosas; decantava alguma actualidade fluminense, donde pudesse tirar observações sensatas e uteis; verberava com toda a rectidão os erros, os maos costumes da sociedade em que vivia; conservando sempre, entretanto, a sua linguagem chã e criteriosa, embora, muitas vezes, um tanto incorrecta. Si ao seu

programma abriu excepção, foi uma unica vez, quando muito: Alfinetou um collega que vivia acintosamente ridicularisando-o com certa pertinacia não raro injusta e irritante.

Ninguem o censurou. A *Musa do Povo* vingava-se... e fazia-o até com certo espirito...

Seus versos não eram bem metrificados, mas, se a contextura do seu engenho não se mostrava genial, elevava-o — purificando-o — o culto fervoroso que elle consagrava á Caridade, exercendo os seus preceitos com o desprendimento e o enthusiasmo santo, que illuminam as grandes almas, formadas para a Virtude e para o Amor.

Deixa um livro de versos intitulado *Peregrinas*, um methodo de facilitar o ensino da leitura, e a immensa collecção da *Musa do Povo*.

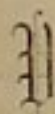
Foi amigo particular de Fagundes Varella, de quem era companheiro inseparavel e cuja vida desregrada acompanhou, sem nada conseguir com os esforços que empregava assiduamente no intuito de ver o sublime cantor do *Evangelho nas selvas*, em melhor caminho...

Senti a morte de O. Hudson, sinceramente, sem, aliás, conhecel-o senão de nome. Respeitei-o sempre como um homem generoso e desinteressado, — e julgo que estas duas qualidades deviam bastar para collocal-o fóra dos motejos e casquinadas de alguns zombeteiros crueis...

Lamento a sorte dos meninos desvalidos, dos pobres, dos inditosos da capital do imperio: — perderam um bemfeitor constante, que ainda muito podia e havia de fazer por elles.

Sobre o tumulo desse homem sinceramente caridoso curvo-me reverente — e faço votos para que sejam bem imitados os edificantes exemplos que elle soube dar.

JORGE RODRIGUES.

Uma victima dos romances

UM excellente rapaz o Carlos Maria do Amor Divino.

Empregado em uma agencia do Correio, em pouco tempo se tornara estimado por seus superiores e por todos quê o conheciam, pois, além de zeloso cumpridor de seus deveres, era o typo do homem attencioso e delicado.

Infelizmente, porém, tinha um defeito: — era um feroz devorador de romances.

Quando se fechava a agencia, o nosso heroe corria pressuroso á sua casa e encerrava-se em seu quarto.

Ahi, no meio de alguns romances, que seus parcos recursos lhe permittiam comprar, passava elle grande parte das noites, seguindo com apaixonada attenção a vida cheia de aventuras dos personagens de Ponson du Terrail e de Dumas.

Para elle, a existencia de Rocambole ou de Monte-Christo era incontestavel.

A' força de ler e reler diversas obras, adquirira elle uns *toques* de illustração, porém não passava de um espirito superficialmente educado.

Na agencia não havia queixas contra elle: seus superioras admiravam-lhe o procedimento exemplar e esperavam haver uma *vaga* para o promover a um emprego mais rendoso.

Mas os homens, assim como os tempos, mudam-se, e o pobre Carlos não poude eximir-se d'esta lei geral.

Elle que era a pontualidade e a delicadeza em pessoa, começou de chegar tarde a agencia e de corresponder com ar distrahido ás saudações de seus companheiros.

Dizia ás vezes a um individuo:

— Não ha carta para o senhor.

E, entretanto, a carta lá estava, bem á sua vista, desmentindo-o solemnemente!

A causa d'esta mudança, que a todos encheu de admiração, foi uma cartinha, cujo sobrescripto era de um cursivo miudo e elegante, que veio parar á agencia com destino a uma cidade do interior.

Ao ver aquella delicada missiva, que trahia uma mão de moça, a imaginação do devorador de romances começou de trabalhar de tal modo que em poucos momentos já era elle o heroe de scenas que deixavam a perder de vista os mais felizes personagens dos livros de sua predilecção.

A tentação foi tão forte, seduziram-no tanto aquellas lettras que elle imaginava serem do punho de uma moça bonita, que nesse dia a mala do interior partio e a tentadora carta, em vez de seguir seu destino, foi occultar-se no bolso do sonhador.

Depois de commettido este delicto, Carlos olhava repetidas vezes para o relogio, á espera de que soasse a hora de, livre de olhares curiosos, tomar conhecimento da carta roubada.

Quando lhe foi permittido retirar-se, em poucos momentos se achou em casa, pois, apenas pilhou-se na rua, deitou a correr como um louco.

Depois de numerosas precauções para assegurar-se de que ninguem o havia seguido, resolveu-se, emfim a romper o perfumado envoltorio.

Não o tinham enganado suas supposições sobre a edade e o sexo de quem traçara o sobrescripto tentador.

A carta era realmente de uma moça, que ahi revelava seu espirito poetico n'um estylo que nada deixava a desejar.

O que havia de importante nesta epistola, o que determinou a mudança completa nos habitos do empregado do Correio, foram estes dous periodos que sobresahiam d'entre todos pela originalidade do pensamento que os dictara:

« Li as *Primaveras* de Casimiro de Abreu, e confesso que nada tem me commovido tanto como as poesias d'este infortunado poeta. Si alguem escrevesse, exclusivamente para mim, um livro d'estes, seria amado por mim como nunca o foi mortal algum no mundo. »

Desde esse dia fatal, o pobre Carlos começou de trabalhar com todas as forças para escrever versos.

Ficava muitas vezes até a madrugada, sentado á meza de trabalho, com os olhos fitos no tecto do aposento, á procura de um pensamento e de uma rima.

Porém era inutil !

Na agencia, vinha-lhe as vezes um pensamento, mas quando abandonava o trabalho para escrevel-o, o lapis ou a penna ficava-lhe immovel sobre o papel.

Estas continuas interrupções no trabalho deram nas vistas de seus superiores, que não tardaram a pedir a demissão do poetastro.

Em vez de affligir-se com este contratempo, que em outras circumstancias o forçaria a procurar quem intercedesse por si junto ao governo, o ex-empregado publico alegrou-se por ter mais tempo a empregar na realisação de seus desejos.

Finalmente, depois de um trabalho que lhe absorveu innumeras noites, teve elle a suprema felicidade de ver sobre sua mesa de trabalho uma serie de poesias que podiam dar materia para um pequeno volume.

Havia entre ellas algumas concepções delicadas, mas a ausencia de metro em muitas outras não permittia, nem por sombras que este fructo de tantos trabalhos pudesse ser confrontado com as producções de Casimiro de Abreu.

O ex-empregado do Correio, ao ver quasi realisados seus sonhos de tantos dias, suspirou de allivio, como o mathematico ao resolver o mais complicado problema.

Estava vencida a grande difficuldade !

Bastava enviar as poesias a qualquer editor e em breve a poetica leitora das *Primaveras* veria a seus pés um livo escripto *exclusivamente para ella*.

O volume de poesias seguiu para a côrte, com destino á casa do Garnier.

Decorridos alguns dias de espera inutil, resolveu o poeta escrever ao editor, pedindo-lhe noticias do seu livro.

Novos dias de espera e de idas inuteis ao correio.

Finalmente Garnier dignou-se de responder-lhe o seguinte:

«Não me convem editar suas poesias. Não desanime, porém ; trabalhe, que ainda pode vir a ser poeta»

Isto era bastante para fazer recuar o mais intrepido cultor das Musas, porém o nosso heroe não perdeu a esperança.

Julgou-se victima de um especulador que depreciava seu trabalho para compral-o mais barato, e foi bater á porta do incansavel Seraphim José Alves.

Este, como seu collega, não achou que as poesias merecessem a honra de ser editadas em suas officinas.

Estas decepções não eram as unicas que affligiam o pobre rival de Abreu.

As economias, que havia feito durante os felizes tempos de seu emprego, iam desapparecendo aos poucos e em breve nada mais teria para fazer face ás despezas.

Procurou um novo emprego ; mas o tempo, que elle passara escrevendo seus desgraçados versos, dera-lhe fama de vagabundo, e ninguem o quiz a seu serviço.

Seu carderno de poesias, depois de andar de seca em meca na corte, voltou a suas mãos sem lhe ter dado a felicidade de ser amado *como nunca o foi mortal algum* pela poetica leitora das *Primaveras.*

Em consequencia de tantos desgostos o mallogrado poeta adoeceu gravemente e foi conduzido ao hospital.

Morreu sem conhecer quem havia sido a causa de todas as suas desgraças e sem ver suas poesias produzirem o desejado effeito.

José BRAGA

Joias

COM este titulo abrimos hoje em nossa folha um espaço destinado aos mais bellos trabalhos dos nossos poetas cujas producções, sendo ainda hoje apreciadas devidamente por aquelles que se dedicam á leitura dos bons livros, vão-se tornando esquecidas, por terem apparecido em epochas já remotas, ou nunca foram lidas por alguns dos nossos leitores.

Abrindo-se ao acaso qualquer d'esses livros que assignalam os acontecimentos litterarios de nosso paiz em outros tempos, encontram-se thesouros de inestimavel valor, primores artisticos, ante os quaes difficilmente se encontrará quem se conserve indifferente.

Deixar esquecidas, como inuteis, tantas preciosidades, seria uma injustiça que a moderna geração faria á passada, de que tão proveitosas licções tem recebido.

O Domingo, proporcionando a seus assignantes a leitura de algumas das mais bellas paginas de outr'ora, rende tambem homenagens aos robustos talentos que as produziram.

Para começar, transcrevemos a seguinte poesia, bellissimo trabalho de Gonçalves Dias, que é incontestavelmente o primeiro dos poetas nacionaes.

OS SUSPIROS

Mucha pena ¿verdad? mucha amargura
Guardaba allá en sus senos escondida
A despedirte el alma dolorida,
Hijo de su cariño y su ternura.

Romea.

Muitas vezes tenho ouvido,
Como languidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
D'entre uns labios de coral :
A fina tez lhe deslustram,
Bem como o alento que passa
Sobre o candor d'uma taça
De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil vezes
Do coração arrancados,
Sobre labios desmaiados
Sussurrando ao coaçar!
Como flôr submarina
Da funda gleba arrancada,
De vaga em vaga argentada,
Correndo de mar em mar!

*

Ouvido os tenho mil vezes,
Emquanto a lua fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seus olhos no céo:
Notas de mundo longinquo
Repassadas de harmonia,
Diamante que aluma
A tela de um fino véo!

*

Tu, virgem, porque suspiras?
Quando suspiras, que scismas?
Em que reflexões te abysmas?
—Do passado ou do porvir;
Mas não tens passado ainda,
Tudo é flores no presente,
Brilha o porvir docemente
Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, porque suspiras?
— Murmura trepida a fonte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
O ditoso tem sorrisos,
O desgraçado tem pranto,
A virgem tem mais encanto
No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
E' da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teu!
Vago, incerto, indefinido,
Tem um quê de inexplicavel,
Como um desejo insondavel,
Como um reflexo do céo.

Eu amo ouvir teus suspiros,
O' doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor;
Mais do que a flor entre as vagas
Sem destino fluctuando,
Folgo de os ver expirando
Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto,
Scintillando almo fulgor:
Fólgo de ouvir teus suspiros,
O' doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor.

O casamento de Floh

CONTO AZUL

A princeza Floh era sobrinha de um poderoso monarcha oriental, que governava um grande reino proximo do deslumbrante paiz dos sonhos e das encantadas regiões da Phantasia.

A's vezes, ao cahir da tarde, quando os marabús, pousando um pé na areia dourada, espreitavam os peixes que serpeavam no crystal do rio Verde, Floh acompanhada por brilhante sequito de damas e dignatarios da côrte, e reclinada n'um palanquim de ouro e pedrarias, vinha gosar, sob o arvoredo da floresta, a meiga fresquidão do ar e ouvir o canto dos passaros de plumagem multicor, que debruçados na ramagem das arvores diziam adeus ao sol no occaso.

Uma harmonia deliciava, porém, muito mais do que o chilrear das calhandras e dos bengalis, era a voz de Têpu, e os sons que o guarda da floresta, acompanhando-se, tirava do suavissimo alaúde.

Um dia, quando o sol ainda faiscava nas aguas mansas do rio e dava ás nuvens que forravam o céo, do lado do poente, o aspecto de uma abobada de fogo, a princeza afastando-se das aias e das camaristas, correu para o sitio d'onde partiam aquelles sons encantadores, que ora lhe pareciam alegres como madrugada vernal, ora mais tristes e dolorosos do que choros de mãe carpindo a morte de um filho querido.

O guarda, tanto que viu a princeza, mais bella que a flor dos cactos, e reluzente de brilhantes e rubins como um deus no meio do seu tabernaculo, emmudeceu e deixou fugir das mãos o alaúde harmonioso; mas antes que na alfombra relvosa tivesse cahido o pequeno instrumento, já a princeza o apanhara com a sua mão de neve e apresentando-o ao tocador, pediu-lhe que não parasse e que de novo espargisse harmonias pelas sombras nemorosas.

Têpu fitou os seus olhos nos olhos de Floh, e viu tanta meiguice e tanta bondade, que esqueceu tudo, e, abalado até ao fundo do coração, empunhou o alaúde e recomeçou os seus cantares.

Cantou infindo tempo; nunca tinha cantado assim. As aves que já se aconchegavam nas ramas do arvoredo, por vir proxima a noite, pararam de piar, o vento deixou de confiar segredo ás folhas das magnolias, e o proprio rio Verde, para escutar o guarda da floresta, deslisou mais lentamente por entre as margens esmeraldinas.

E Têpu, a medida que ia cantando e desferindo as cordas do alaúde, sentia-se penetrado da terna melodia com que accordava os echos da floresta, e ousava levantar os olhos para Floh mais pura e fascinante do que a lua, quando róla impassivelmente atravez das campinas do céo.

Fitava-a, e cada vez cantava com mais primor; e assim estiveram tempos esquecidos: elle contemplando-a, e ella escutando-o.

Por fim, a gente do sequito, movida pelo receio ou pelo enfado de esperar, entrou mais no bosque; mas antes que alli chegasse, correu-lhe a princeza ao encontro, e todos voltaram para o palacio magnificente, que demorava ao longe, no meio de uma cidade populosa.

Foi assim que Floh salvou pela primeira vez a vida ao guarda do bosque, porque se a tivessem visto chegar perto d'elle, e, mais ainda, entregar-lhe o alaúde, ninguem, nem o proprio rei Lu-Tsu, poderia salvar o desgraçado do horrivel supplicio destinado aos crimes de lesa magestade. Havia no reino desde tempos immemoraveis uma lei, que comminava morte atrocissima a todo aquelle que, extranho á côrte, visse o monarcha ou a sua familia, ou d'elles se approximasse.

* * *

Fugiu rapida a princeza, mas antes preveniu Têpu do perigo terrivel a que o expusera, e prohibiu-lhe que renovasse aquella ousadia.

Muitas vezes passou no firmamento o sol, sem ella voltar á floresta.

Um dia, quando o esplendido astro, ainda no pino da sua carreira entornava sobre a terra catadupas de fogo e de luz, e que na planicie calva e immensa tudo suffocava, buscando refugio debaixo das pedras os proprios reptis que se estiram á calma voluptuosamente, Floh sahiu do palacio abrigada no seu palanquim, junto do qual escravos com guardasoes de papel e ventarolas de pennas, procuravam manter a fresquidão.

Chegada á floresta, deixou o sequito na primeira clareira, e embrenhou-se nas solidões umbrosas. Não encontrou o guarda, mas o coração dizia-lhe que por entre a espessa trama dos arbustos e trepadeiras, a espreitavam amorosamente dois olhos de que talvez deslisassem lagrimas em fio.

Ia chamal-o, e pedir-lhe que de novo cantasse, quando do peito se lhe escapou um grito de pavor. A

dois passos, e por entre a folhagem, acabava de surgir uma enorme serpente que, levantando o collo e escancarando as fauces, a fitava por momentos, como que antegosando o prazer que o acaso lhe reservara. A princeza recuou apavorada, mas os olhos não os podia despregar da bocca do monstro, onde latejava o farpão, que ia transvasar horrivel peçonha n'aquelle corpo tão puro e fragrante.

De subito a cabeça da serpente rolou decepada na herva, e Floh, desmaiando, poude ainda ver o guarda atirar para longe de si um alfange e estender-lhe os braços pressurosamente. Quando os sentidos lhe voltaram, rodeava-a a comitiva, emquanto que Tépu, cercado pelos invenciveis soldados da guarda real, ia tristemente a caminho das masmorras dos condemnados á morte, por ter sido encontrado a cingir com os braços a filha do rei Lus-Tsu.

O crime fôra aleivoso e inutil; se o guarda não tivesse exterminado o monstro, qualquer dos camaristas que chegaram instantes depois attrahidos pelo grito da princeza, salvaria de certo a vida de Floh, e não se praticara o medonho desacato.

* * *

Alta noite a filha do rei saiu do palacio, sem ser presentida, e correu para a prisão escura e miseravel onde estavam os condemnados á morte.

A' entrada, um guarda e o carcereiro quizeram impedir-lhe a passagem, mas ambos se curvaram submissos, quando ella disse quem era. Acreditaram-na, pois só a filha do opulento monarcha poderia ostentar aquelle deslumbramento de sedas e pedrarias, e juraram entre si guardar segredo, temerosos de que os esperasse a triste sorte do guarda da floresta.

Puzessem-nos a tratos, e nenhum deixaria de affirmar que se a princeza alli tinha entrado, fôra de certo por artes de alguma das divindades protectoras da familia reinante.

Tépu estava a dormir, e a phantasia arrastava-o atravez do paiz irisado de sonhos. Sentia-se n'uma floresta mais vasta e encantadora do que a sua: as as arvores balouçavam as comas verdejantes a maior altura, a relva era mais suave, as flores mais fragrantes e finamente coloridas, os regatos mais cristallinos, os passaros de superior harmonia. E no meio d'esta natureza estranhamente bella, surgiu Floh, mas tal como elle a vira duas vezes. A formosura da princeza conservara se a mesma, porque não podia ser maior.

No entretanto estremecimentos percorriam o corpo do guarda, que mesmo adormecido tinha uma vaga percepção do logar de desgraça onde estava e da horrivel catastrophe que vinha imminente.

Despertou.

O sonho fizera-se realidade. As paredes escuras e gottejando humidade, o pavimento repugnante, toda aquella masmorra sombria eram illuminados pelos encantos de Floh. O carcere tornara-se paraizo.

O que elles disseram n'aquellas horas que tão vertiginosamente passaram, até que a aurora, tingiu de purpura a fresta da prisão e esmaeceu a luz que bruxuleava lá dentro, nunca o poderam repetir os poetas da côrte, ao fazerem trovas em honra dos dois amantes.

Quando a luz matinal inundou o interior do carcere e foi beijar a face da princeza, achou desfolhadas as rosas da innocencia, mas viu em florescencia a grinalda de amor, que Tépu entretecera com beijos em volta d'aquella cabeça divinal.

O soberano chegou momentos mais tarde, e mandou sustar a execução; e no dia seguinte fez publicar ao povo, pelo seu pregoeiro, um bando, que foi depois deitado em todas as cidades do reino.

Ficaram então sabendo os vassallos de Lus-Tsu que, segundo o archeologo mór da côrte acabava de ler em documentos preciosos e fidedignos, Tépu era descendente da dynastia que precedera a actual, e tinha, portanto, estreito parentesco com aquelle poderoso monarcha. Que melhor marido para a herdeira do throno? Terminavam assim todas as revindicações.

O casamento foi uma festa incomparavel.

Mas quando, terminado o desfilar da côrte e feita a ultima genuflexão do ultimo camarista, os noivos ficaram sós na sua alcova deslumbrante, pensaram ambos insensivelmente, que se era deliciosa aquella noite, ainda mais o tinha sido a outra... passada na prisão dos condemnados á morte.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

Virgem martyr

(A Raymundo Corrêa)

N'aquella enxerga fria e abandonada
o seu ultimo somno — eil-a dormindo;
pallida virgem, orphã, desgraçada,
que vivendo a soffrer — morreu sorrindo.

Bella! — inda vê-se no semblante lindo
uns traços de belleza desbotada;
— e a luz da mocidade, s'extinguindo,
beija-lhe ainda a fronte descorada...

Moça, formosa e pura, não tivera
nem um raio de amor, — loura chimêra
que nos conforta, quando a dor consome...

Timida, sempre ás tentações fugia.
Trabalhando — a scismar — cançou... e um dia
embora honrada, succumbio... de fome!

JORGE RODRIGUES.

Novas e notas

Fagundes Varella

QUINTA feira ultima, 18 do corrente, completaram-se onze annos que falleceu na côrte este poeta illustre, tão inspirado quanto inditoso.

Seu nome devia figurar entre os dos primeiros poetas brazileiros, em que pese ao rigorismo um tanto caduco do solitario de S. Miguel de Seide; — e só por uma injustiça incomprehensivel collocam-no sem-

pre depois de outros, que não tinham o seu grande merecimento.

Se não bastassem esses volumes de poesias diversas que todo o mundo conhece e onde se depara immediatamente com as maiores significações de uma alma privilegiada só o *Evangelho nas selvas* seria sufficiente para engrandecer seu nome e cingil-o com a aureola dos genios.

Ainda hoje damos pezames ao Brazil pela sentida perda de tão glorioso filho, cujo lugar, cremos nós, não está ainda preenchido na republica das nossas lettras.

Antes de concluir, transcrevemos aqui o mavioso soneto que sobre o mallogrado cantor das *Vozes da America* escreveu Luiz Guimarães Junior:

—

VARELLA

A noite, o orvalho, a viração e a calma.
— VARELLA — *As selvas.*

Este era loiro como a luz coada
Da manhã pelas nuvens ondulantes,
Nos seus olhos azues e fascinantes
Boiava sempre a lagrima ignorada.

Alma por Deus dos anjos exilada,
No mundo apenas rapidos instantes
Passou — e abrindo as azas delirantes,
Tornou cantando á parternal morada.

Mal seu gentil e angelico instrumento
Resôou entre nós, O firmamento
Chamava ancioso essa erradia alma;

E ella fechando o calix de repente
Foi gosar, junto a Deus, eternamente,
A noite, o orvalho, a viração e a calma.

J. Dantas Junior

FALLECEU na cidade de Pelotas esse distincto moço, escriptor de muito espirito e de fina tempera, laborioso e adiantado, que foi por muito tempo principal redactor da *Revista Illustrada*.

Uzando de diversos pseudonymos e escrevendo brilhantemente sobre todos os assumptos, Dantas Junior era um infatigavel jornalista, que concorria sempre e muito para elevar o merecimento das folhas em que escrevia assiduamente.

Redigio por algum tempo o antigo *Cruzeiro* e collaborava na *Estação*, prestando a esses jornaes relevantes serviços.

O jornalismo fluminense soffre uma perda sensivel com a morte de tão distincto membro.

A elle damos sinceros pezames, significando o pezar que nos despertou a morte do digno collega, cujos dotes de espirito sempre admirámos.

A Quinzena

SEGUNDO noticia o *Vassourense*, até hontem devia ter apparecido essa nova revista litteraria, dirigida por Jorge Pinto e Alfredo Pujol.

François Coppée

ESTE illustre e laureado poeta francez, um dos mestres mais consideraveis da poesia moderna, acha-se seriamente enfermo, segundo as ultimas noticias de Paris. O seu incommodo é na larynge e priva-o de comer e falar, precisando explicar-se com o seu medico por meio da escripta. Até aqui a molestia não tem tomado um caracter mais grave, mas teme-se que tal venha a acontecer.

Academia franceza

TELEGRAMMA de Paris annuncia terem sido eleitos membros dessa academia:

Leon Say, na vaga de Edmond About.

Edouard Hervé, director do jornal «Le soleil», na vaga do duque de Noailles.

O grande poeta Lecomte de Lisle, na vaga de Victor Hugo.

Jornal do Domingo

ESTA importantissima revista universal, publicada em Lisboa sob a direcção litteraria de Pinheiro Chagas, reappareceu depois de um longo e sentido interregno. Vem admiravel como sempre:—finissimas gravuras, magnificos artigos de prosa de applaudidos escriptores, versos de poetas já triumphantes na republica das lettras etc. etc. Em publicações de tal ordem não conhecemos nenhuma que sobreleve o *Jornal do Domingo*.

Por intermedio do agente em Juiz de Fora, o laborioso e intelligente amigo Rodrigo Pereira, proprietario da Livraria Pereira e do *Correio de Juiz de Fora*, recebemos os tres primeiros numeros da nova serie.

De um delles extrahimos o delicioso conto de Maximiliano de Azevedo, que hoje publicamos.

Tristonha

Procuras de preferencia
A solidão, o deserto,
Quando de ti vês bem perto
Alguem se rir e folgar!
Soffreste já dissabores?
Terás acaso na vida
Uma illusão desmentida,
Algum secreto pezar?

Eu sei, contaram-me um dia
A tua historia, creança:
A morte de uma esperança
Que alimentavas no seio.
Amaste um homem devéras,
Mas entre ti e teu sonho
Do fado o braço medonho
Se poz cruel de permeio.

E' doloroso perdermos
As illusões que afagamos,
Que do imo peito estimamos,
Que partes são de noss'alma.
Uma esperança que morre
Nos afflige eternamente,
E qual tortura pungente
Que o tempo edaz não acalma.

Mas si encontramos um dia
Um coração sem nobreza
Que não compr'hende a grandeza
Do amor que lhe dedicamos,
Como se apagam nos mares
Brancas espumas ao vento,
Deixamos o esquecimento
Dissipar o que sonhamos.

Esquece, pois, o passado,
Não penses mais em tristezas;
Deixa estas dores, cruezas,
Que a sorte quiz t'infligir.
E's moça, crea outros sonhos,
Sorri a novo horizonte,
Ergue risonha tua fronte
A teu brilhante porvir.

J. B.

Lambrequins

A luz da amizade é como a do phosphoro:—vemol-a tanto melhor quanto mais escuro é o lugar em que nos achamos.

—

TROVA POPULAR

Tenho um desejo exquisito
(E d'esses eu tenho aos mólhos)
Que é de accender o meu pito
Na braza d'estes teus olhos.

—

A timidez e a pobreza são dous grandes obstaculos em amor. (*Michelet*).

—

— O que? pois o senhor quer sustentar que ha cães mais espertos do que os donos?
— Certamente! São raros, mas eu tenho um.

—

Quando o poço está secco é que se conhece o valor da agua. (*Franklin*).

—

A' porta de um theatro:
— Já começou o *quarto*?
— Neste momento.

—

Reflexão de um genro:
A melhor casa de correcção é aquella em que mora uma sogra.

Sobre a meza

A SEMANA n. 59.— Soberbos artigos em prosa, bellissimos versos, — um primor como sempre.

A critica de Lucio de Mendonça aos *Sonetos e Poemas* de Alberto de Oliveira, está cheia de justiça e de verdade. Apreciamos a franqueza e a independencia com que o illustre poeta das *Alvoradas* expende sempre as suas apreciações sem biocos, sem vãos temores, sem *suspeições*, que ás vezes sacrificam a rectidão do julgamento.

ECHO DAS DAMAS, n. 8. — Esse orgam, dedicado aos interesses da mulher, que se publica na côrte sob a redacção da talentosa collega d. Amelia Couto, augmentou o formato e promette para o futuro novos melhoramentos.

Estimaremos que elles se realisem e que o *Echo das Damas* alcance as mais risonhas felicidades.

O PARTIDO LIBERAL. — Orgam politico, de S. Paulo. Vem substituir o *Diario Liberal*. E' um bom jornal, que promette prestar bons serviços ao partido que defende.

Vida longa, muitas prosperidades desejamos lhe.

NOVENTA E TRES, — Orgam do gremio litterario Victor Hugo, installado no collegio Pujol, em Mendes. Escripto com correcção e impresso com capricho.

O PIRATINY, n. 9. — Publicação quinzenal, de Santos. Directores, A. Augusto Bastos e Guilherme de Mello. Augmentou o formato. Está variado, *chic*, com muitos artigos bem escriptos, bons versos;— optimo, O *Piratiny*.

PROGRAMMA E ESTATUTOS do Collegio Pujol dirigido, na freguezia dos Mendes, pelo illustrado e provecto professor Hippolyto Gustavo Pujol.

O programma está bem traçado e os estatutos demonstram as grandes vantagens que offerece esse acreditado e importante estabelecimento.

Agradecemos a offerta.

CORREIO DE BARBACENA. N. 1. Propriedade da associação jornalistica barbacenense.

R e d a c t o r-principal, Frederico Salgado. No bem lançado artigo de apresentação promette aos seus assignantes as mais attrahentes vantagens. Noticiario abundante e uma bonita correspondencia do Porto. Como *variedade* um interessante conto de Eduardo Salgado.

Versos, a pedidos, annuncios, etc.

Só a impressão não nos causou boa impressão.

Ao novo collega desejamos que alcance um porvir de glorias, seguindo sempre pela estrada luminosa das prosperidades.

O OITAVO DISTRICTO. n. 17. Primeiro que recebemos. Orgam das idéas republicanas. E' seu editor e proprietario o sr. F. L. Gonçalves.

Offerece aos leitores artigos de merecimento e é todo escripto com talento e criterio.

Agradecemos a visita honrosa do amavel collega de S. Carlos do Pinhal, (S. Paulo).

PHILOLOGIA PORTUGUEZA (*Notas de leitura*) *Vestigios da declinação latina*. O nosso illustrado collega Lameira de Andrade acaba de publicar mais um importante folheto de 72 paginas, com o titulo acima, onde, ainda uma vez, testemunha os seus largos conhecimentos e o seu profundo amor ao estudo.

Encontram-se no apreciavel trabalho do distincto escriptor, esclarecimentos importantes e uteis explicações a respeito do assumpto de que trata.

Notas de leitura é uma advertencia dictada pela modestia; o folheto é resultado de serias investigações, de estudo consciencioso, do louvavel desejo que tem o seu autor de prestar serviços relevantes á lingua portugueza, como o tem já feito.

Saudamos, novamente, o sr. Lameira de Andrade, agradecendo-lhe a obsequiosidade com que nos offereceu a valiosa producção de seu robusto talento.

Correspondencia

Sr. Bandoleiro. — Seu soneto—*Seductora* — é correcto, porém é dos

taes que devem ser incluidos na lista das *leituras para homens*.

Escreva em outro genero, e com especial agrado o receberemos em nossa folha.

Sr. Alberto de Castro. — Suas supposições a nosso respeito são injustas, creia. Não recebemos a poesia de que nos fala.

Sr. Olivio d'Ulsa (Ouro-Preto). —Não conhecemos nada que se pareça com os versos a que se refere o senhor.

Mas é possivel que o *bicho* tenha ido buscar *aquillo* em algum jornal ou volume de poesias, d'esses que não são muito conhecidos.

Castro Alves ou Gonçalves Crespo, affirmamos, não foi a victima do *audacioso plagio* que o senhor teria tanto prazer em desmascarar.

Vá observando o homem, que mais dia menos dia elle lhe cahe nas mãos.

Sr. Alfredo Guerrier (Ouro Preto). — Estamos á espera de uma resposta qualquer, afim de tomarmos uma deliberação sobre o *negocio*. Entender

Annuncios